

## CAMUFLAGEM SOCIAL EM MENINAS E MULHERES NO ESPECTRO AUTISTA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.

Lídia Rafaella Dias Silva, Priscila Roberta de Moura, Simone Bertalia Asaka, Bruna Mares Terra Candido.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, lidia.dias.sjc@gmail.com, pesquisa.moura23@gmail.com, simone.bertalia@gmail.com, brunaterra@univap.br.

### Resumo

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conceituado pelo DSM-5-TR (APA, 2023) como um transtorno do neurodesenvolvimento. Os critérios utilizados incluem dificuldades na comunicação, interação social e nos comportamentos repetitivos, possuindo diversas etiologias e o diagnóstico pode ser em ambos os sexos. O presente estudo optou pela revisão de literatura por meio da análise de fontes secundárias, com o intuito de promover uma discussão sobre o impacto da camuflagem social na saúde mental de meninas e mulheres no espectro autista, amparada pela perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. Os resultados revelam maior prevalência do diagnóstico do TEA no gênero masculino em relação ao gênero feminino. Um dos fatores que pode dificultar o diagnóstico precoce do TEA no gênero feminino, pelos profissionais de saúde, se deve ao uso da camuflagem social. Concluiu-se na urgência da promoção de pesquisas científicas em âmbito nacional voltadas para a discussão sobre a importância de intervenções, pensando no diagnóstico precoce para a inclusão social, direito a políticas públicas, saúde mental e o bem-estar de meninas e mulheres no espectro autista.

**Palavras-chave:** Psicologia. Camuflagem Social. Teoria Histórico-Cultural. Autismo no Feminino.

**Área do Conhecimento:** Psicologia

### Introdução

Partindo das bases teóricas desenvolvidas por Lev Vigotski, Alexei Leontiev e Alexander Luria na perspectiva da psicologia histórico-cultural na primeira metade do século XX, acredita-se que todo sujeito é um ser sócio-histórico e político no estar no mundo e inserido em uma cultura. Sabendo também que este ser, mergulhado na cultura, é ao mesmo tempo transpassado e afetado pelos acontecimentos históricos e sociais que afligem o tempo e espaço de seu período histórico. Logo, observa-se que na última década um número crescente, mas ainda insuficiente, de estudos realizados por pesquisadores do Transtorno de Espectro Autista (TEA) têm se debruçado em compreender a diversidade dos sintomas (como ansiedade, depressão, insônia, cansaço, desânimo, isolamento, insegurança, medo, inibição, apatia, distanciamento, falta de apetite, mudanças de humor, hiperatividade, falta de atenção, exaustão física e emocional, mutismo, irritabilidade, agressividade, automutilação, ideação suicida, dependência de substâncias químicas, restrições e seletividade alimentar dentre outros) e como estes podem impactar no processo de adoecimento psíquico deste sujeito histórico na contemporaneidade. As pesquisas possibilitaram um espaço de reflexão sobre a importância de se pensar em intervenções em relação a práxis dos profissionais de saúde, em especial sobre o papel do psicólogo e o seu compromisso social junto a essas pessoas que se encontram no TEA. A presente pesquisa propõe discutir a relação entre o fenômeno da camuflagem social (*masking*), conceituado por diversos autores como estratégias adaptativas muito utilizadas por pessoas que estão no Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Vasconcelos, 2022; Brunetto; Vargas, 2023; Camargo Junior; Paiva, 2023; Ganem, 2024; Orrú, 2024; Rocha *et al.*, 2024) e seu diagnóstico tardio, considerando que existe evidência do impacto dessa estratégia adaptativa para o processo de adoecimento psíquico no gênero feminino, uma vez que as mulheres buscam aceitação, acolhida, proteção e segurança frente a possibilidade do sofrimento psíquico resultante das diversas formas de violências (física, doméstica, psicológica, patrimonial, de gênero, orientação sexual, de raça e/ou cor), dentre elas a rejeição,

discriminação, estigmatização, *bullying*, silenciamento, invisibilidade dentre outros (Brunetto; Vargas, 2023; Camargo Junior; Paiva, 2023; Rocha *et al.*, 2024).

## Metodologia

Optou-se pela pesquisa qualitativa de revisão narrativa de literatura com o intuito de fomentar um espaço de reflexão e discussão sobre o tema sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural dialogando com o campo da Psicologia. Durante a pesquisa, foram utilizadas fontes secundárias como livros e publicações científicas realizadas no período de 2010 e 2024. Como instrumento de busca, utilizou-se as plataformas de bases de dados Google Acadêmico, PubMed, PePsic, Medline, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) através dos descritores de busca “Camuflagem Social”, “TEA”, “Autismo Feminino” e “Psicologia Histórico-Cultural”. De acordo com Rother (2007), a pesquisa qualitativa de revisão narrativa de literatura tem como objetivo analisar a literatura científica publicada em livros, artigos impressos ou eletrônicos para realizar a interpretação e a análise crítica dos autores propostos com o intuito de fundamentar teoricamente e cientificamente um determinado fenômeno (Rother, 2007).

## Resultados e Discussão

Atualmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta milhões de pessoas por todo o mundo e a etiologia do fenômeno contemporâneo é considerada por muitos autores como multifatorial. Segundo o DSM-5-TR(APA,2023), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o TEA representa uma diversidade de condições que se caracterizam por dificuldades em relação à interação social, comunicação e nos padrões de atividades e comportamentos do indivíduo. Pessoas no espectro autista (TEA) podem variar em suas habilidades e necessidades ao longo do tempo, algumas pessoas chegam a viver de forma autônoma e independente sem maiores complicações, enquanto outras necessitam de cuidados e suporte por toda a vida devido às deficiências graves que lhes acometem no campo da autonomia e do autocuidado. De acordo com o DSM-5-TR(APA,2023):

As características principais do diagnóstico são evidentes no período de desenvolvimento, mas a intervenção, a compensação e os suportes atuais podem mascarar dificuldades em pelo menos alguns contextos. As manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, nível de desenvolvimento, idade cronológica e possivelmente sexo; daí o termo espectro. (APA, 2023, p.159).

Na última década, os estudos científicos revelaram que o Transtorno do Espectro Autista possui três níveis: nível 1, necessidade de menor apoio e suporte na comunicação e na interação social; nível 2, a comunicação social encontra-se comprometida no uso de habilidades verbais e não verbais necessitando de médio apoio e suporte; no nível 3, existe a presença acentuada de déficits graves de comunicação verbal e não verbal, acompanhados de prejuízos no funcionamento necessitando maior apoio e suporte durante a vida. Alguns comportamentos são observados nos três níveis do TEA como a limitação na iniciativa de comunicação e na interação social, comportamentos repetitivos e a inflexibilidade no comportamento em relação a mudanças. Ao pensarmos nos níveis de apoio e suporte, cada um é caracterizado em relação a intensidade dos sintomas e na necessidade de apoio, e que logo implica em se discutir sobre um conjunto de intervenções precoces que possibilitem a atuação de uma equipe multidisciplinar como psicólogos, psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, dentistas, fonoaudiólogos, educadores físicos dentre outros profissionais que se façam necessários no tratamento e no apoio destes indivíduos que estão no espectro autista (Freire; Cardoso, 2022; Vasconcelos, 2022; Brunetto; Vargas, 2023; Camargo Junior; Paiva, 2023; Ganem, 2024; Orrú, 2024; Rocha *et al.*, 2024). Segundo Ganem (2024), durante muitos anos os estudos e pesquisas científicas se concentraram na construção da conceituação de autismo baseadas em meninos e homens jovens, brancos e heteros em relação ao diagnóstico do TEA, tendo maior prevalência de três a quatro vezes mais no sexo masculino, levando assim a um pensamento equivocado pelos estudos e pelos profissionais de saúde de que a incidência do transtorno autista era de fato uma ocorrência em alta entre a população do sexo masculino. Tal pensamento equivocado alimentou a falta de compreensão e reconhecimento das características singulares do autismo em meninas e mulheres,

com isso impossibilitando intervenções precoces que poderiam possibilitar o acesso ao apoio psicológico, tão importante para a saúde mental e para a qualidade de vida e bem-estar. Apesar desta realidade acadêmica de perfil excludente para com o gênero feminino, nos últimos seis anos novas pesquisas científicas no âmbito nacional foram incentivadas, tendo como objeto de estudo a presença do transtorno autista no sexo feminino e que propõem assim o denominado espectro do feminino do TEA. Estes estudos sobre as diferentes apresentações do TEA entre os gêneros, revelaram que algumas evidências podem ter contribuído para o equívoco durante décadas na identificação do espectro entre meninas e mulheres, como genética, hormônios, comorbidades, critérios e testes diagnósticos, estereótipo e o “comportamento socialmente esperado”. É importante lembrar que, meninas e mulheres no espectro podem apresentar sintomas diferentes dos que os meninos e homens apresentam, podemos citar alguns como maior habilidade de comunicação verbal e interesses em atividades mais próximas às apresentadas por pessoas que não se encontram no espectro (neurotípicos). Ao compreendermos como meninas e mulheres podem manifestar suas características e singularidades de maneira a promover espaços para a aceitação, para a diversidade e para o protagonismo social e político, possibilitou assim novos horizontes para a promoção de pesquisas científicas internacionais e nacionais no campo da interseccionalidade, que vieram a contribuir em uma melhor inclusão de todas as pessoas no espectro autista nos espaços sociais (Costa; Lima, 2022; Ganem, 2024; Orrú, 2024).

Partindo da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, acreditamos que todo sujeito é um ser sócio-histórico e político no estar no mundo e inserido em uma cultura, sabendo também que este ser mergulhado na cultura e ao mesmo tempo sendo transpassado e afetado pelos acontecimentos históricos e sociais que afligem o tempo e espaço de seu período histórico (Silva; Arce, 2011). O fenômeno composto por estratégias adaptativas é conceituado na atualidade como camuflagem social, e que pode ser compreendido como um conjunto de estratégias e habilidades adaptativas em que ambos os gêneros no espectro autista desenvolvem através da observação do ambiente ao seu redor (Magnani; Rückert, 2021; Freire; Cardoso, 2022; Vasconcelos, 2022; Brunetto; Vargas, 2023; Camargo Junior; Paiva, 2023; Ganem, 2024; Orrú, 2024; Rocha *et al.*, 2024). Essas estratégias possuem o objetivo de disfarçar e/ou compensar suas características autísticas em contextos sociais, que possam trazer um sentimento de medo da não aceitação, sendo assim um movimento que exige um esforço contínuo e elaborado com o intuito de conquistar e obter aceitação, acolhimento, interação e pertencimento junto a sociedade neurotípica (pessoas que não se encontram no espectro autista). No caso da camuflagem entre meninas e mulheres seria um conjunto de estratégias desenvolvidas no processo de socialização feminina e que estaria relacionado às questões históricas e culturais de uma sociedade. Ao compreendê-las como seres imersos em uma cultura e afetadas por um processo sócio-histórico de silenciamento e invisibilidade com suas origens no sistema patriarcal, pode-se discutir sobre os estereótipos historicamente ensinados por anos ao gênero feminino. Tais estereótipos remetem a aprendizagem de comportamentos vinculados ao cuidar do outro e as expectativas sociais da personalidade feminina como, timidez, amorosidade, dedicação, docilidade, sentimentalismo, ausência de racionalidade, fala comedida, serem “boazinhas”, ordeiras, renunciarem seus desejos e interesses em prol do bem do outro e que, de algum modo, as características do espectro autista acabam por ser invisibilizadas e silenciadas e logo passam despercebidas pelos neurotípicos durante as interações sociais (Asbahr, 2017; Vasconcelos, 2022; Brunetto, Vargas, 2023).

Pesquisas atuais (Costa; Lima, 2022; Ganem, 2024; Orrú, 2024) relataram que, ao observar na clínica o fenômeno da camuflagem, existe a prevalência em meninas e mulheres dentro do espectro do autismo, que estão no nível 1 de apoio e suporte ou aquelas que não apresentam nenhuma deficiência intelectual, e que se utilizam das estratégias da camuflagem social no dia a dia. Tais pesquisadoras ao se debruçarem a compreender o subdiagnóstico e os motivos da ausência de intervenções precoces na identificação do TEA no gênero feminino, observaram que estas meninas e mulheres no espectro tendem a desenvolver e aprimorar estratégias de adaptação e enfrentamento social para disfarçar e mascarar suas deficiências no campo da comunicação e nas relações sociais para se protegerem e se sentirem seguras e confiantes no convívio social no âmbito familiar, escolar, profissional, eventos sociais, nas relações de amizade, nas relações amorosas dentre outros contextos sociais. Os pesquisadores observaram também que homens se camuflam para se sentirem mais confortáveis nas relações, já as mulheres, por possuírem uma sobrecarga de estereótipos culturais em relação aos padrões da sociedade estão vinculadas a um perfil mais empático, amável e o interesse em conhecer e cuidar mais de pessoas. Essas acabam por compreender a importância da interação

social no dia a dia para conquistar um espaço de fala junto a sociedade nos grupos sociais (família, trabalho, escola, relacionamentos, amizades etc.), logo no gênero feminino o destaque do uso da camuflagem é utilizado para uma maior motivação social. O ato de camuflar representa a diferença entre como a pessoa no espectro se mostra nos momentos em que está interagindo com o coletivo, e o que está realmente acontecendo com ela em momentos em que está consigo mesma, diante de toda a sua singularidade. Esta habilidade de se adaptar nos contextos sociais, pode ajudar meninas e mulheres no espectro autista a conservar e manter os relacionamentos sociais e as carreiras profissionais, mas pensando a médio e a longo prazo, elas poderão apresentar alguns sintomas como ansiedade, depressão, insônia, cansaço, desânimo, isolamento, insegurança, medo, inibição, apatia, distanciamento, falta de apetite, mudanças de humor, hiperatividade, falta de atenção, exaustão física e emocional, mutismo, irritabilidade, agressividade, automutilação, ideação suicida, dependência de substâncias químicas, transtornos e/ou seletividade alimentar dentre outros que irão contribuir no sofrimento psíquico e conseqüentemente na saúde mental e na qualidade de vida (Magnani; Rückert, 2021; Freire; Cardoso, 2022; Vasconcelos, 2022; Brunetto; Vargas, 2023; Camargo Junior; Paiva, 2023; Ganem, 2024; Orrú, 2024; Rocha *et al.*, 2024).

Ao propormos um espaço dialético partindo das bases teóricas da Psicologia Histórico-Cultural, podemos dizer que um dos conceitos sensíveis às produções teóricas de Lev Vigotski, pensando na construção de uma reflexão sobre a camuflagem social no espectro autista, seria o conceito de vivência. De acordo com Tossa (2011), o psicólogo e teórico da abordagem histórico-cultural ao conceituar vivência propôs a reflexão de qual seria a relação interna de uma pessoa com a realidade. Para o autor, seria a conexão entre a tradução do que o indivíduo pensa, sente, mantém e interage com o seu meio. Ele enfatiza que será a partir das palavras, ou através de outras formas de expressão, que os indivíduos, nos contextos sociais terão a possibilidade de construir espaços dialéticos possibilitados nos encontros com o outro, nas trocas sociais, nos acontecimentos, nas representações, nas perspectivas e nos modos de ser, estar, afetar, ser afetado e se relacionar com o mundo em toda a sua potência dialética pela via da subjetividade e do protagonismo social histórico. Ter uma visão dialética durante à investigação das condições externas do indivíduo de forma contínua e não linear é compreender que o desenvolvimento humano ocorre em etapas que possuem um perfil dinâmico e vivo, e que ao mesmo tempo estas etapas estão conectadas e integradas, pelas quais cada etapa anterior afeta e é afetada pela etapa posterior, construindo assim uma conexão dialética. As vivências se reestruturam a partir de demandas do meio e das interações nos contextos sociais pelos quais o indivíduo participa quando afeta e é afetado. Partindo do conhecimento histórico acumulado nas vivências no âmbito familiar, escolar, nas amizades, na comunidade, nos grupos sociais, que será possível compreender dialeticamente e refletir sobre todos os aspectos que potencializam e/ou fragilizam o desenvolvimento e a participação social de cada indivíduo em seu tempo histórico (Tossa, 2011; Silva, 2014; Asbahr, 2017; Bittencourt; Fumes, 2022).

Ganem (2024) traz para a discussão três estratégias principais e complementares que sustentam a camuflagem social sendo a imitação ou compensação, o mascaramento (*masking*) e a assimilação. A imitação ou compensação seria um movimento compensatório em relação a incapacidade substituída por uma competência como observar e imitar comportamentos sociais considerados adequados e valorizados pelo grupo. Muitas pessoas autistas têm a habilidade de observar, aprender comportamentos neurotípicos observando pessoas em espaços públicos, filmes, livros, fotografias, novelas, séries, programas de televisão, plataformas digitais (*youtube*) ou nas redes sociais (*instagram, facebook*) (Ganem, 2024, p. 213-215). No caso do mascaramento ou *masking*, seria o comportamento de esconder ou suprimir características ditas dentro do espectro autista (hiperfoco, maneirismo, perfeccionismo, estereotípias, fala relativizada, movimentos repetitivos, incômodos sensoriais, irritabilidade a ausência de rotina, seletividade alimentar, obsessão por ambientes organizados etc.). Por último temos a estratégia da assimilação, técnicas desenvolvidas pela pessoa no espectro para interagir melhor com as pessoas, mas sem ser vista ou ser “notada” com intuito de não ser o alvo das atenções ou dos “holofotes” do grupo. O uso da assimilação como estratégia para camuflar, resulta em uma interação superficial, mas que lhe traz a vantagem de se manter no grupo social pelo qual se identifica, e ter a sensação de pertencimento mesmo muitas vezes vivendo à sombra deste grupo. Logo, compreender que o conceito de vivência, possibilita ampliar as discussões e reflexões pensando nos processos de subjetivação e nas singularidades de cada ser, e como estas se conectam com os estudos sobre a qualidade das relações sociais em que este ser está inserido e que podem estar impactando no adoecimento psíquico e social destes sujeitos na contemporaneidade. Quando o

indivíduo se permite estar inserido na realidade, terá como resultado a possibilidade de desenvolver e aprimorar estratégias que superem tal processo do adoecimento mental (Toassa, 2011; Silva, 2014; Asbahr, 2017; Bittencourt; Fumes, 2022).

## Conclusão

A ausência de empatia e o individualismo exacerbado, aliados à indiferença para com o sofrimento do outro, é uma realidade na sociedade contemporânea. Constantemente, são vivenciadas cenas de hostilidade e desumanização de nossa humanidade diante a intolerância com a diversidade e a singularidade de cada pessoa. As pesquisas contribuíram para trazer a reflexão sobre quais formas as estratégias da camuflagem social são utilizadas na comunicação e nas interações sociais por meninas e mulheres no espectro autista. A utilização da camuflagem por elas, pode dificultar intervenções precoces e pontuais resultando em um diagnóstico tardio, o que causa a ausência de um suporte profissional adequado no campo da saúde mental perante o sofrimento psíquico e nos sintomas que elas possam vir a apresentar a médio e a longo prazo devido a utilização excessiva destas estratégias sociais adaptativas. A pressão social e o estigma com relação ao espectro autista, contribuem para o adoecimento psíquico de meninas e mulheres no espectro que logo buscam a camuflagem social como uma estratégia de sobrevivência social na busca por proteção e segurança frente à intolerância. Diante dessa realidade, estudos alertaram sobre a importância da busca de apoio psicológico junto aos profissionais de saúde, em especial do psicológico, pensando na promoção da saúde mental e do bem-estar destas meninas e mulheres dentro do espectro. Outro ponto que precisa de apoio e atenção seria a capacitação e a formação continuada dos profissionais de saúde, sendo que atualmente muitos se sentem não informados e despreparados sobre a importância de realizar intervenções e diagnósticos corretos diante do sofrimento psíquico em que muitas meninas e mulheres se encontram. Muitos relatos de pessoas que não foram diagnosticadas com sua condição de base e receberam diagnósticos equivocados, que resultaram na continuidade ou no aumento do sofrimento psíquico já existente. Há emergência na promoção e no desenvolvimento de estudos científicos sobre o tema TEA em meninas e mulheres, pois as produções científicas em âmbito nacional possuem poucas referências, o que se torna um dificultador na promoção de atendimentos de saúde mental mais sensíveis e humanizados destinados ao gênero feminino. Atualmente, elas se encontram em uma posição desvantajosa em relação ao despreparo dos profissionais de saúde quanto ao acolhimento, a escuta humanizada, ao tratamento e as intervenções terapêuticas resultando em diagnósticos equivocados.

Concluindo, ao compreender todo ser histórico e social como seres imersos na cultura, pode-se refletir sobre quais fatores e contextos sociais podem estar contribuindo na produção de sintomas, e que resultam nos processos de adoecimento psíquico nas pessoas que estão no transtorno do espectro autista (TEA). Diante dessa argumentação, pode-se compreender que o processo de desenvolvimento de cada indivíduo, mesmo estando em uma condição de adoecimento, sempre acontecerá partindo das relações e vivências que ele estabelece e constrói com e na realidade ao internalizá-la, e se permitir ser afetado e ao mesmo tempo sendo afetado com o intuito de ampliar suas possibilidades, potencialidades e o seu protagonismo social na contemporaneidade. Atualmente muitos movimentos e grupos sociais estão cultivando e promovendo a construção de um pensamento acolhedor para a aceitação das pessoas que estão no espectro autista nos diversos espaços e grupos na sociedade. Tais iniciativas e intervenções são pensadas na possibilidade da conscientização de minimizar o sentimento da necessidade da utilização da camuflagem em especial pelas meninas e mulheres, encorajando assim, o sentimento de pertencimento social e familiar que possibilita espaços de acolhimento, proteção e segurança.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR: Texto Revisado**. 5.ed. Porto Alegre, RS: Artmed. 2023.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. A psicologia histórico-cultural: uma concepção de homem e de ciência. In: **"Por que aprender isso, professora?" Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural**. São Paulo: Ed. UNESP, 2017, p. 19-32.

BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico. Vivências em Vygotski: contribuições teórico-metodológicas para análise do contexto histórico-cultural nos estudos com indivíduos. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, São Paulo, [S. l.], v. 31, n.64, jan. 2022.

BRUNETTO, Dayana; VARGAS, Gesiele. Mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. **Caderno de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 16, n. 47, p.258-275, jan./jul. 2023.

CAMARGO JUNIOR, Edilson Antônio Oliveira; PAIVA, Edilaine Teixeira. Camuflagem social e as dificuldades diagnósticas no transtorno do espectro autista em pacientes do sexo feminino. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**. Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva, Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT. Psicologia, 10. ed., mai. 2023.

COSTA, Flávia Lomba; LIMA, Rita de Cássia Pereira. Representações do passado escolar por mulheres autistas sob a abordagem (auto) biográfica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 07, n. 20, p. 207-221, jan./abr. 2022.

FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, vol.39, n.120, p.435-444, set./dez. 2022.

GANEM, Natasha. Camaleões: Estratégias de camuflagem do autismo em meninas e mulheres. In: CASTRO, Thiago; PEREIRA, Lygia. **O autismo em meninas e mulheres: Diferenças e Interseccionalidade**. São Paulo: Literare Books International, 2024, p.209-219.

MAGNANI, Luiz Henrique; RÜCKERT, Gustavo Henrique. Camuflar, autistar, traduzir e os desafios de enunciar-se autista. In: MAGNANI, Luiz Henrique. **Linguagem e autismo: conversas transdisciplinares**. Catu-BA: Bordô-Grená, 2021. Cap. 7, p. 117-134.

ROCHA, Pablo Almeida *et al.* O impacto da camuflagem social no diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 6, p. e16579, 15 jun. 2024.

SILVA, Janaina Cassiano; ARCE, Alessandra Arce. **A Psicologia Histórico-Cultural e o Marxismo: em defesa do desenvolvimento humano integral**. In: X CONPE Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, Maringá/PR. ABRAPEE, p. 486-505, 2011.

SILVA, Maria Aparecida Santiago da. **Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. Camuflagem e Compensação. In: ORRÚ, Sílvia Ester. **O autismo em meninas e mulheres: Diferenças e Interseccionalidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, p.197-209, 2024.

TOASSA, Gisele. **Emoções e vivências em Vigotski**. Campinas: Papirus, 2011.

VASCONCELOS, Vitória Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.